

LER, APRENDER E PENSAR A ‘NOVA TERRA’ DO CONHECIMENTO¹

Helem Alves Viana ²

Otávio Nascimento de Almeida Filho ³

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

Resumo

O propósito do trabalho é procurar compreender as razões pelas quais o computador tem se tornado o principal meio de leitura em nossos dias. Refletir sobre quão eficazes são as novas formas de leitura e produção do conhecimento, considerando que, apesar de estarmos vivendo na era da informação, os jovens hoje, podem estar lendo menos e de forma menos efetiva do que os da geração passada. Finaliza reconhecendo que a história da leitura e do livro mediadas pelo computador encontram-se ainda em seu estágio embrionário, assim como os parâmetros que permitam criticar ou medir a eficiência das novas formas de se ler e produzir conhecimento, para uma geração que lida com novos modos de ler e escrever.

Palavras-chave: leitura digital; educação; ciberespaço.

No princípio era o verbo

É consenso a afirmação que o advento da *web* e da *internet* constituíram um divisor de águas nos processos de leitura e produção textual, talvez tão significativo quanto a invenção do alfabeto em 700 a.C. na Grécia. Porém, o domínio dessa nova técnica de comunicação, a linguagem escrita, foi lugar de poucos, até que a famosa Bíblia de Gutemberg, primeiro livro produzido em ‘prensa’, marcou o princípio do conhecimento de massa, por volta de 1455.

O mundo encontra-se na era da informática. Um de seus estudiosos mais aclamados, Pierre Levy, afirma que: “As relações humanas passam por um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Educação e aprendizagem”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) – Ilhéus – Bahia, membro do grupo de Pesquisa em Hipermídia, certificado pela mesma instituição. Email: missviana@gmail.com

³ Otávio Nascimento de Almeida Filho é professor adjunto do Curso de Ciências da Comunicação, na Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, Bahia. Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA e Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Investiga e faz experimentos em hipermídia. Email: otaviofilho@uol.com.br / URL: www.otaviofilho.com

cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado” (LEVY, 1993, p.17). Junto com as modificações técnicas, alguns hábitos são re-configurados. A leitura, que antes era uma atividade solitária, que requeria silêncio, concentração e às vezes um lugar separado do contanto com outras pessoas, a partir da tela ela se transforma numa aventura, ganha re-significações, e o leitor não é mais passivo, ele é interator e navega por ambientes como museus virtuais, tem acesso a serviços como *blogs*, fóruns e comunidades, onde disponibilizam seus textos para *download* ou leituras *online*.

As novas tecnologias, mediadas pelo computador, superam em muito as expectativas de Theodore Nelson, que cunhou o termo hipertexto, e de Vannevar Bush, que por volta de 1945, coordenando um grupo de cientistas a serviço do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, enunciou pela primeira vez a idéia de hipertexto. Ele diz em seu texto *As we may think*⁴, que as formas de armazenamento do conhecimento até então eram artificiais, sendo organizadas apenas de forma hierárquica, e que a mente humana não funciona dessa forma, mas sim por associações. Bush imaginou, e efetivamente descreveu, um novo equipamento tecnológico de armazenamento do conhecimento que nomeou como *Memex*. O *Memex* seria uma “espécie de memória auxiliar do cientista, uma parte fundamental do próprio processo de pesquisa e de elaboração de novos conhecimentos” (LEVY, 1992, p.29).

Lá se vão quase duas décadas de tremendos avanços tecnológicos, depois da publicação do livro de Pierre Levy, *As tecnologias da inteligência: O futuro do Pensamento na Era da Informática*. Os computadores estão agora por toda parte, e aqueles que não podem ter seu próprio equipamento, podem dirigir-se a uma *Lan House*, ou ainda ter acesso gratuito em bibliotecas e escolas públicas. Trata-se de uma política de estado na qual, milhões já foram e estão sendo gastos para equipar, com as novas tecnologias, as escolas públicas numa tentativa de fazer com que todas as camadas sociais tenham acesso e participem dessa nova maneira de ler, aprender, enfim, conhecer o mundo.

Estarão então, os usuários da internet habitando numa Terra prometida do conhecimento? É de se esperar, que com tantos avanços, o sonho dos pioneiros dessa revolução tecnológica e de pensadores como Pierre Levy e Manuel Castells esteja finalmente se tornando realidade. Não é, no entanto, o que “aparece” em algumas pesquisas de campo.

⁴ Texto publicado em Julho de 1945, pelo jornal *The Atrantic*. Disponível:
<http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>

Estarão os jovens hoje, lendo menos e de forma menos efetiva do que os da geração passada?

Existem argumentos, como os encontrados no artigo *O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola*⁵, que afirmam que “o uso intenso do computador, para todas as séries e para todas as classes sociais, diminui o desempenho escolar, sobretudo dos alunos pobres” (MAMEDE-NEVES & DUARTE, 2008, p.783). Refutar tal argumento, no entanto, pode não ser uma tarefa fácil, já que qualquer professor de escola pública, hoje, pode facilmente confirmar tal afirmação. Mas, como veremos ao longo deste trabalho, tal argumento não se sustenta.

Tomemos como ponto de partida para nossa reflexão, um passeio pela história do manuseio da palavra escrita e de suas mídias desde a criação do alfabeto. Roger Chartier,⁶ que em seu livro *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, chama a atenção para os registros imagéticos de livros e de leitores que mostram a história das práticas de leitura. Até o Sec. XVIII, estes registros revelam leitores “no interior de um gabinete, de um espaço retirado e privado, sentados e imóveis” (CHARTIER, 1999, p.79), o que dá a idéia de que a leitura era para poucos, um ato forçoso, entediante.

Somente após o século XVIII se tem registros de um novo comportamento: “o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama” (CHARTIER, 1999, p.78). É importante refletir sobre o tempo cronológico na evolução da comunicação humana a partir do surgimento do alfabeto grego. Apesar de ter sido inventado em 700 a. C., e ter sido “o grande marco que preencheu a lacuna entre o discurso oral e o escrito (...) que proporcionou a infraestrutura mental para a comunicação cumulativa, baseada em conhecimento” (CASTELLS, 1999, p.353), só foi realmente difundido com o surgimento da imprensa e a fabricação de papel já no sec. XV. Sendo assim, pode-se afirmar que as práticas de comunicação são parte essencial da percepção humana. E segundo Manuel Castells:

Ao estabelecer – implícita e explicitamente – uma hierarquia social entre a cultura alfabetizada e a expressão audiovisual, o preço pago pela adoção da prática humana do discurso escrito foi relegar o mundo dos sons e imagens aos bastidores das artes, que lidam com o domínio privado das emoções e com o mundo público da liturgia (CASTELLS, 1999, p.353).

⁵ Artigo publicado em 2008 por Maria Aparecida Campos Mamede Neves, doutora em Psicologia e professora titular do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), e Rosália Duarte, doutora em Educação e professora associada do Departamento de Educação da PUC-RIO.

⁶ Roger Chartier é historiador, especialista em história do livro e da leitura, professor da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*.

A invenção do filme, do rádio e mais tarde da televisão já no Sec. XX, pode ser vista como um retorno às origens, uma retomada da forma mais natural de comunicação do homem, que é a comunicação sensorial. Ou seja,

(...) pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. O espírito humano reúne suas dimensões em uma nova interação entre os dois lados do cérebro, máquinas e contextos sociais (CASTELLS, 1999, p.354).

Vivemos hoje essa realidade. Dispomos de equipamentos que permitem uma comunicação em que estão presentes imagens, textos e sons. E são esses equipamentos, os mais utilizados como instrumento de promoção da leitura, que os professores têm acesso e trabalham. Mas a transição do uso habitual do quadro e do giz para o demorado aprendizado do manuseio dessas novas tecnologias, não acontece de forma simples nem tranquila.

De acordo com Chartier, trata-se de uma brutal “ruptura da continuidade e (...) necessidade de aprendizagens radicalmente novas” (CHARTIER, 1999, p. 93). Dessa forma, podemos então refletir sobre a prática de ensino dos professores diante do computador, que muitas vezes encara os novos recursos das TIC⁷ com “uma sensação de impotência por não saber utilizá-los ou por conhecê-los menos do que os próprios alunos” (POLATO, 2009, p.51).

Os livros e o hábito de ler, que pertenceram por tanto tempo somente aos mais privilegiados ou aos religiosos, foram fatalmente desbancados com o surgimento da cultura de massa na era do rádio e da televisão. O homem, completamente seduzido pelo estímulo sensorial dos novos meios de comunicação, passou a fruir da literatura através do cinema e da televisão. Basta lembrar, entre nós, as adaptações da literatura de Jorge Amado para as novelas ou dos romances de Erico Veríssimo para a televisão e o cinema e Monteiro Lobato, entre tantos outros cânones da literatura nacional. E, com o avanço assustadoramente rápido das novas tecnologias digitais, a transição da passividade para a interatividade das audiências se deu de forma natural, e a nova mídia, a internet, foi recebida com entusiasmo nos anos 90.

Não perdendo de vista nosso propósito aqui, que é discutir as implicações das novas tecnologias sobre as formas tradicionais de leitura, devemos considerar questões específicas que ajudem a compreender as transições vividas pela sociedade contemporânea. É muito confortável apontar culpados pelo aparente fracasso na forma de ler dos jovens. Os professores são, provavelmente, o alvo mais fácil daqueles que procuram apontar culpados pelo aparente fracasso do uso das novas tecnologias pelas classes mais necessitadas. No

⁷ TIC: Tecnologias da informação e comunicação.

entanto, sabemos que a grande maioria dos educadores no mercado de hoje, não cresceu ou mesmo foi educada para lidar com os novos recursos.

As maiores lacunas de aprendizado, sobretudo, são observadas nas escolas públicas nas quais os professores não têm treinamento adequado. Mas a escola pública já vem decadente desde muito antes de se implantar laboratórios multimídias em sua estrutura.

Como já foi dito, os processos de transição dessa natureza são complexos e implicam em mudanças de hábitos e comportamentos. Qual seria então, a forma de se alcançar essa nova geração de estudantes “antenados”, consumidores tecnológicos, seletivos, ansiosos e construtores de conteúdo? Deve-se deixar essa pesada tarefa nas mãos apenas do professor? A resposta dos educadores é um enfático não, certamente, mas talvez seja papel do professor, assumir sem medos, o papel de mediador e interator de sua sala de aula, e aceitar que não pode competir com as novas formas de produção de encantamento das narrativas midiáticas dentro e fora do ciberespaço.

O papel da escola frente às novas Ágoras do saber

Uma pesquisa realizada pela MTV⁸ para traçar o perfil do jovem e falar sobre mídias e Internet, traz na sua terceira edição que:

No caso do consumo da internet, é explícito o crescimento de 66% para 86% nos últimos 3 anos; isso se deve ao fato contribuinte de existirem mais locais de acesso gratuito fora de casa (ex:Centros do governo); E nesse boom todo vivenciado de 2005 a 2008, a pesquisa aponta dados interessantíssimos em relação ao uso das mídias sociais: Orkut, Facebook, MSN, Youtube e claro, os blogs: 8 entre 10 jovens fazem parte de alguma destas comunidades da internet, e entre eles a pergunta é: Você tem Orkut?. Pois para o jovem hoje o que interessa é conteúdo e novidades, afinal para eles: ‘A internet é o lugar mais gostoso de ficar informado’.⁹

Não seria a escola, o lugar de se manter informado? O que pode ser observado aqui, é que os jovens sabem muito bem onde a informação pode ser encontrada, mas a internet, lugar de muitos encantos, pode ser traiçoeira. O professor desse novo aprendiz deve ser capaz de guiá-lo pelos labirintos e pelos mares de tormentas, como os descritos por Camões, visualizando Adamastor. O que o jovem precisa quando vai à escola, é ser instigado e provocado a descobrir um mundo, que o professor sozinho não é mais capaz de fornecer. E a

⁸ MTV: U.S. music television channel.

⁹ Pesquisa completa disponível: http://www.aartedamarca.com.br/Dossie4_Mtv.pdf

escola não deve ser vista como a fonte de todo o saber e sim como o que sempre foi: uma rede social. Um lugar onde se troca idéias, onde se opera o verdadeiro processo civilizatório.

Muitos dos questionamentos dos jovens podem ser resolvidos através de outras redes sociais. O ciberespaço oferece múltiplas *ágoras*, configurando-se como novos palcos e novas realidades, onde transitamos e existimos de forma inédita. Estamos falando do *Orkut*, *facebook*, *Youtube*, *Google Groups*, *Blogs*, *Twitter*, *MySpace*, *Skype*, *Wikipédia*, *SecondLife*, e *Flickr*, dentre outros, mas nenhuma delas pode e deve substituir a escola ou o contato face a face com o outro.

A escola deve sim, ser o lugar onde se aprende a lidar com esse emaranhado de novas informações. O papel do professor nesse contexto de novas redes sociais, não deve ser o de transmitir informação, nem competir com o aluno ou decidir o que o aluno deve ou não saber, e sim, levá-lo a estabelecer critérios de busca e instruí-lo a tomar em suas mãos as rédeas de sua própria educação. Enfim, ser o intermediador nesta maratona desenfreada de novos estímulos e encantamentos do saber.

A terra prometida

Ora, o professor pode não saber *navegar* pela internet de forma fluente, pode não saber lidar com o *Photoshop*, *Adobe Flash* ou o *Google Earth*, mas ele pode aprender com seus alunos – ou não. E como o líder de sua micro-rede social, sua sala de aula, ele deve estabelecer critérios, elencar informações, enfim, guiar os alunos pelos labirintos da internet, orientando os caminhos a serem percorridos para que obtenham as respostas para seus questionamentos.

Enfim, cabe a toda sociedade e não só à escola, pais e mestres, já que não há como fugir dessa (r)evolução tecnológica, aceitar que o que temos diante de nós é uma cultura digital que se organiza em rede, que necessita de uma interação com o texto de forma radicalmente diferente de apenas alguns anos atrás.

Pode-se tentar medir ou criticar a eficiência das novas formas de se ler e produzir conhecimento de uma geração que tem o digital como um modo de vida, mas não temos todos os parâmetros para tal. Os ‘nativos digitais’ habitam uma ‘terra nova’, uma terra que, para os forasteiros, que mesmo sendo ousados o bastante para cruzar sua fronteira, não vão viver o suficiente para poder descrever com propriedade todas as maravilhas e encantamentos dos labirínticos nós do mundo digital.

A história da leitura e do livro mediada pelo computador encontra-se ainda em seu estágio embrionário. Devemos nos lembrar do sábio chinês que quando questionado sobre o que achava da revolução industrial disse, dois séculos após, que ainda era cedo para uma avaliação. Tal prudência talvez seja demasiada para os tempos velozes que vivemos. Mas vamos ter que esperar, pois o ciberespaço é a Canaã que podemos até habitar, mas só podemos tentar explicar.

REFERÊNCIAS

BUSH, Vannevar. **As we may think**. Atlantic Monthly, jul. 1945, 108-8. Disponível: <http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>.

CASTELLS, Manuel. A cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas. In: **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**; conversações com Jean Lebrum. São Paulo: UNESP; IMESP, 1999.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo, Ed. 34, 1993.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos and DUARTE, Rosalia. **O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola**. *Educ. Soc.* [online]. 2008, vol.29, n.104, pp. 769-789. ISSN 0101-7330.

Dossiê Universo Jovem 4. In: http://www.aartedamarca.com.br/Dossie4_Mtv.pdf

POLATO, Amanda. Tecnologia + Conteúdos = Oportunidades de Ensino. In: **Revista Nova Escola**, nº 223 Junho/Julho 2009, p.51.